

Femicídios no México

EVA PAULINO BUENO*

Resumo

O artigo apresenta a situação atual de mulheres operárias no México, com ênfase na cidade fronteiriça de Juárez, onde há uma incidência altíssima de assassinatos de mulheres. A maioria destas mulheres é torturada e estuprada antes de serem assassinadas. Apesar do fato da humilhação do homem pobre numa cultura que paulatinamente destrói o modelo familiar estável ser um fator para esta violência contra mulheres, a cultura machista é o maior fator para esta situação. O artigo traz algumas estatísticas e reflexões sobre o impacto destas mortes na família das vítimas, assim como em toda a sociedade.

Palavras-chave: Femicídio; estupro; estatística; Juárez; fábricas.

Abstract

The essay presents the current situation of factory workers in Mexico, with emphasis on the frontier city of Juárez, where there is a very high incidence of murder of women. Most of these women are tortured and raped before they are killed. Although the humiliation of poor men in a culture that slowly destroys a stable family model is an important factor for violence against women, the machista culture is the biggest factor for this situation. The article brings some statistics and reflects on the impact of these deaths on the families of the victims, as well as on the whole society.

Key words: Femicide; rape; statistic; Juárez; factories.



* EVA PAULINO BUENO é professora de Espanhol e Português na St. Mary's University, em San Antonio, Texas. É autora de vários livros e artigos sobre literatura brasileira, cultura popular, e estudos da mulher. Seu livro mais recente é uma enciclopédia, *Latin American Women Writers, An Encyclopedia* (Routledge)

Vamos começar pela conclusão: quem comete estupro é pior que um lagarto venenoso, daqueles que comem os ovos que encontram nos ninhos, e ainda mordem e envenenam os demais que tentam defender-se e defender o ninho. Um estupro não só destroi a vida de quem é estuprado/estuprada, mas de toda sua família, para sempre. O castigo para os estupradores deveria ser o que damos aos lagartos venenosos que encontramos correndo nos quintais e colocando em perigo a família e os animais de estimação: a morte. A maneira da morte, fica por conta da justiça. Não queremos ser bárbaros como os estupradores. Também não desejamos aos seus familiares a mesma sorte que os estupradores deram às famílias afetadas. Somos civilizados e temos leis.

Podemos fazer uma outra generalização: não só os homens cometem estupros, e eles não acontecem somente dos países pobres. Infelizmente, este horror é perpetrado por homens e mulheres no mundo inteiro.¹ E não importa se ocorre em uma casa de luxo ou num bairro pobre, numa esquina, num clube, num iate, ou num matagal, contra um adulto ou uma adulta, um ou uma adolescente, ou uma criança, o horror é o mesmo: uma pessoa (em geral do sexo feminino, mas também do sexo masculino) é submetida contra sua vontade, e é sexualmente atacada por uma ou mais pessoas. As marcas físicas e psicológicas deste ato, se a vítima sobrevive ao ataque, vão acompanhá-la o resto da vida, e vão marcar a sua família, amigos e conhecidos.

A revista espanhola *El mundo* publicou um artigo em 12 de fevereiro de 2014, em que faz um sumário da situação do estupro no mundo, e toca nos assuntos relacionados às consequências para quem sofre o ataque e o sobrevive. A figura 1 mostra uma demonstração feita por mulheres em Madrid, para ilustrar de forma muito forte a percentagem do ataque.



[Figura 1]

¹ A Organização Mundial da Saúde, em estudo de 2015, conclui que 7,2% das mulheres acima de 15 anos no mundo inteiro sofre ataque sexual.

Em um extenso (e doloroso) artigo publicado em 21 de outubro de 2014 na revista *Vice*, Marisol Wences Mina, Rafael Castillo, Luis Chaparro escrevem que a representante da ONU-Mujeres no México, Ana Gúezmes, em entrevista ao semanário *Proceso* disse que,

de 1985 a 2010, se han registrado 36 mil 606 asesinatos a mujeres y afirmó que según datos de 2010, al día en México se ejecutan 6.4 feminicidios, la mayoría de los cuales suceden en Chihuahua, Baja California, Sinaloa y el Estado de México. “La relevancia estratégica de la politización de todos los homicidios de mujeres es indudable, pues resultan de un sistema en el cual poder y masculinidad son sinónimos e impregnan el ambiente social de misoginia: odio y desprecio por el cuerpo femenino y por los atributos asociados a la feminidad”.

Apesar do estupro ser uma realidade mundial, em alguns casos, dado o número de vítimas, o descaso das autoridades, e a ferocidade com que os estupradores atacam, estupram, torturam e matam suas vítimas chama a atenção. Este é o caso do que ocorre em Juárez, cidade mexicana na fronteira com os Estados Unidos, mais precisamente com a cidade de El Paso, no Texas. Esta pequena reflexão é uma homenagem às vítimas e suas famílias.

1. Por que México? Por que Juárez?

A cidade de Juárez é uma das cidades mexicanas que têm uma irmã gêmea do outro lado da fronteira. Como tal, Juárez se constitui em uma espécie de corredor, tanto de entrada de americanos no México, como de mexicanos que querem entrar nos Estados Unidos. “Antigamente” (palavra complicada tratando-se das relações de fronteira entre os EUA e o

México), antes dos políticos se meterem e tentarem legislar sobre a passagem de pessoas cujas famílias têm raízes nos dois lados, este trânsito era muito mais simples. Era só uma questão de atravessar a ponte, e mesmo antes da ponte existir, se atravessava o Rio Bravo. Hoje, mesmo com o tráfego intenso, existe muita desigualdade. Os mexicanos não podem entrar facilmente, mas os americanos só precisam ter certeza que têm seus documentos para poderem entrar de volta aos EUA. Esta história, como já disse acima, é antiga e complicada. Mas começou a complicar-se mais a partir de fatores externos, que não tinham nada que ver com o México.

Um dos primeiros fatores foi a segunda guerra mundial, que causou a criação do “Bracero Program”, a maneira encontrada pelo governo americano para resolver os graves problemas causados pela falta de trabalhadores braçais naquela época. Uma parte dos trabalhadores, aproximadamente 100 mil homens, foram empregados pela indústria ferroviária. Os demais – cujo número exato é basicamente desconhecido – foram empregados na lavoura, especialmente na Califórnia. Com a Guerra da Coreia (1950-1953), o programa continuou, pelas mesmas razões.

Os resultados deste programa foram vários. Um deles foi o surgimento de César Chávez, líder camponês que lutou para a sindicalização dos trabalhadores; outro, foi a deportação em massa de mais de 500 mil pessoas que haviam vindo de vários países sul americanos, mas principalmente do México para suprir a demanda de trabalhadores.²

² Um aspecto interessante desta presença de trabalhadores rurais do México na Califórnia foi que os donos das fazendas estavam sempre a favor da continuação dos programas.

Com o retorno dos soldados das guerras e o término do programa Bracero, Juárez se tornou uma espécie de encosto dos que foram repatriados (quer dizer deportados) ao México. O país teve que tomar medidas para absorver esta mão-de-obra que regressava. Olga Lucía Rodríguez Álvarez escreve que, com a chegada dos repatriados, o governo mexicano lançou “el Programa Nacional Fronterizo (PRONAF) tendiente a crear las condiciones institucionales para fomentar el desarrollo industrial a lo largo de la frontera... y así cambiar la imagen de toda la frontera de México hacia los Estados Unidos y generar mayores fuentes de empleo.”

Juárez, maior cidade do estado fronteiriço de Chihuahua, de uma certa maneira, teve “sorte.” Muitas fábricas, chamadas “maquilas” em espanhol, se estabeleceram ali, em parte para aproveitar esta mão-de-obra regressante. E, com isto, também atraíram outros trabalhadores, entre eles os mexicanos que querem eventualmente passar ao “outro lado”, assim como latino-

Logicamente, esta mão-de-obra barata, não falante de inglês, ignorante das leis, desprotegida pela lei, só trazia vantagens: os donos das terras podiam explorá-los sem a menor consideração, os americanos continuavam a ter alimentação barata, e quando o tempo da colheita terminava, os trabalhadores voltavam ao seu país de origem, onde esperavam pela época da colheita e regressavam. Pode-se dizer com segurança que os trabalhadores “ilegais” foram os que mantiveram os americanos alimentados e nutridos durante os duros anos da segunda guerra mundial e da guerra da Coréia. Logicamente, estas pessoas trouxeram suas famílias e tiveram filhos nos Estados Unidos. Pela constituição americana, quem nasce aqui é cidadão. Quando o programa terminou e os trabalhadores foram sumariamente deportados, com eles foram seus filhos americanos. Isto é, os Estados Unidos deportaram seus próprios cidadãos. Ver mais detalhes em “World war II Homefront era: 1940’s: Bracero Program Establishes New Migration Patterns.”

americanos que usam o México como um corredor para os Estados Unidos. Mas o detalhe inicial da situação laboral de Juárez foi que as fábricas começaram a contratar, muitas vezes, preferencialmente mulheres, que passaram a ser conhecidas como “maquiladoras”. 60% dos trabalhadores em fábricas mexicanas são mulheres de 15 a 25 anos, muitas delas mães solteiras, de acordo com um número de 1998 da revista *Revolutionary Workers Online* (<http://rwor.org>). Este número está em alto contraste com a percentagem nacional, conforme artigo de 2012, que diz que somente 48% das mulheres mexicanas têm emprego. Pelo menos, emprego formal (*Banderas News*, <http://banderasnews.com/1212%2Fnb-femaleemploymentinmexico.htm>)

Por que esta preferência por mulheres para trabalhar nas fábricas? As razões são muitas e variadas. As consequências, obviamente, também são muitas e variadas, e algumas delas são trágicas.

Uma das razões de fundamental importância está no discurso supostamente libertador das companhias donas das fábricas, em sua maioria americanas ou internacionais. A “exportação” de um discurso “feminista” ao México quer inculcar a ideia de que a mulher que trabalha em fábrica é liberada, e a partir de então, passa a fazer parte do “mercado de trabalho”. Na realidade, estas fábricas dão preferência à contratação de mulheres porque elas são consideradas mais “obedientes e submissas”, enquanto que os homens são considerados mais “inteligentes e treináveis”. Mas, a necessidade do lucro faz com que as empresas não queiram contratar os homens, os quais ficam praticamente à deriva, sem ter o que

fazer, e isto aumenta seu rancor contra as mulheres, vistas como usurpadoras do seu lugar de direito.

Neste sistema, aquelas que antes eram as “rainhas do lar”, passam a ser “independentes”, donas do próprio nariz, porque elas agora “trabalham”. Agora podem ter seu próprio dinheiro, sem ter que pedir. Enquanto isto, os maridos/irmãos/pais, ficam em casa, ou na rua, fermentando ideias de vingança contra as usurpadoras de seu lugar de direito.

O que raramente se reconhece é que, em realidade, estas mulheres que trabalham em fábricas já eram trabalhadoras desde sempre: lavavam a roupa, limpavam suas casas, cozinhavam para a família, cuidavam dos filhos, cuidavam dos anciãos da família, plantavam, colhiam, etc. Agora, com o trabalho de às vezes mais de 8 horas diárias nas fábricas, em condições perigosas, insalubres e cansativas, estas mulheres adicionam mais um elo na sua corrente de opressão. Mas seu tempo nas fábricas é limitado: elas são usadas, muitas vezes acoçadas sexualmente pelos seus chefes, impedidas de levar uma vida normal, e logo “cuspidas” pelo sistema. A oferta de mais mão-de-obra jovem, submissa, trabalhadora em silêncio, parece inesgotável.

Logicamente, esta percepção da mulher como um bem descartável e eternamente renovável teria que ter outras consequências. Se para a *maquila* a mulher é um mero número, para os homens que as veem andando sozinhas todas as horas do dia, vindo ou indo ao trabalho, ela é uma presa fácil, desprotegida. Apesar de não ser o único lugar onde tais atos acontecem, cidade de Juárez tem a infeliz distinção de ser o lugar onde mais estupros e mortes de mulheres têm acontecido. Não coincidentemente, é o lugar onde

existem mais maquiladoras, mais mulheres operárias.

2. Como construir um macho

A dinâmica entre gêneros é algo importante em todo o mundo, em todas as culturas. Infelizmente, no México, assim como na América Latina em geral, e em muitos outros países, a cultura exacerbada do que se crê serem as características mais desejáveis no homem estão tecidas na submissão da mulher. Quer dizer, não existe um *macho* que exista por si só; o *macho* tem que ter uma mulher em quem mandar e a quem submeter.

No México, esta submissão das mulheres toma características religiosas, porque está envolta nos mitos do “marianismo,” do culto da Virgem Maria (imaculada, etc), que foi mãe sendo virgem. A mulher então tem dois possíveis papéis: ou é virgem, ou é puta. Quem não entra no mito de “Maria” – pura, virgem, submissa, calada – deve necessariamente ser puta. E a puta não merece respeito. Não merece compaixão. Não merece justiça.

Que tem isto a ver com os assassinatos de mulheres em Juárez? No artigo “*Femicides of Juárez: Violence Against Women in México*”, Nidya Sarria escreve que

The intrinsic value of a victim of femicide is usually questioned following her death. Members of the media and the community alike try to categorize these women as either “good girls”, fitting the archetype of a good daughter or worker, or as fallen women, usually described as prostitutes, sluts, or barmaids. By putting emphasis on the identity of the women, onlookers seem to be placing a higher value on the lives of “well-behaved women” as well as providing a twisted justification

for overlooking or minimize the crimes at hand.

O valor intrínseco de uma vítima de femicídio é geralmente questionado depois da sua morte. Membros da mídia e da comunidade tentam categorizar estas mulheres ou como “boas meninas”, que estão de acordo com o estereótipo da boa filha ou operária, ou como mulheres perdidas, geralmente descritas como prostitutas, sujas, ou garçonetes de bar. Ao colocar ênfase na identidade das mulheres, os observadores parecem estar colocando mais valor na “vida das mulheres bem comportadas”, assim como estão dando uma justificação torta por passarem por cima, ou minimizarem os crimes cometidos.

Mas esta atitude não é algo que somente pessoas ignorantes assumem. Outra vez, de acordo com Nidya Sarria, no mesmo artigo, escreve que, em 1995,

the then-governor of Chihuahua, Francisco Barrio, advised parents to keep an eye on their daughters and not allow them to go out at night. The implication was that good girls did not “go out” at night and since the unfortunate victims typically disappeared during the night, it followed that by objective standards they were found to not be very good girls. Likewise, when speaking to the family members of the murdered women, the police often explained the disappearance of the victims by pointing out “how common it [was] for women to lead double lives.”

o então governador de Chihuahua, Francisco Barrio, aconselhou os pais a ficarem de olho nas suas filhas e não lhes permitir que saíssem à noite. A implicação era que as boas meninas não “saíam” de noite, e como as desafortunadas

vítimas geralmente desapareciam durante a noite, a conclusão objetiva era que elas não eram “boas meninas.” Da mesma maneira, quando falavam com os familiares das mulheres assassinadas, a polícia sempre explicava o desaparecimento das vítimas apontando “como (era) comum as mulheres levarem vida dupla.”

Isto significa que, falando simplesmente, as mulheres de Juárez e do estado de Chihuahua que são estupradas e mortas são prostitutas, e que portanto suas vidas não têm nenhum valor. Isto ecoa algo extremamente doloroso e horrível que aconteceu há não muito tempo atrás quando uma mulher jovem, mãe de família, saiu para dar sua caminhada matinal no Rio de Janeiro. Ela foi agarrada, estuprada, estrangulada. Quando o corpo foi encontrado, a polícia comentou que “ela tinha saído de casa sem sutiã”. Quer dizer, a culpa pelo ataque tinha sido dela.

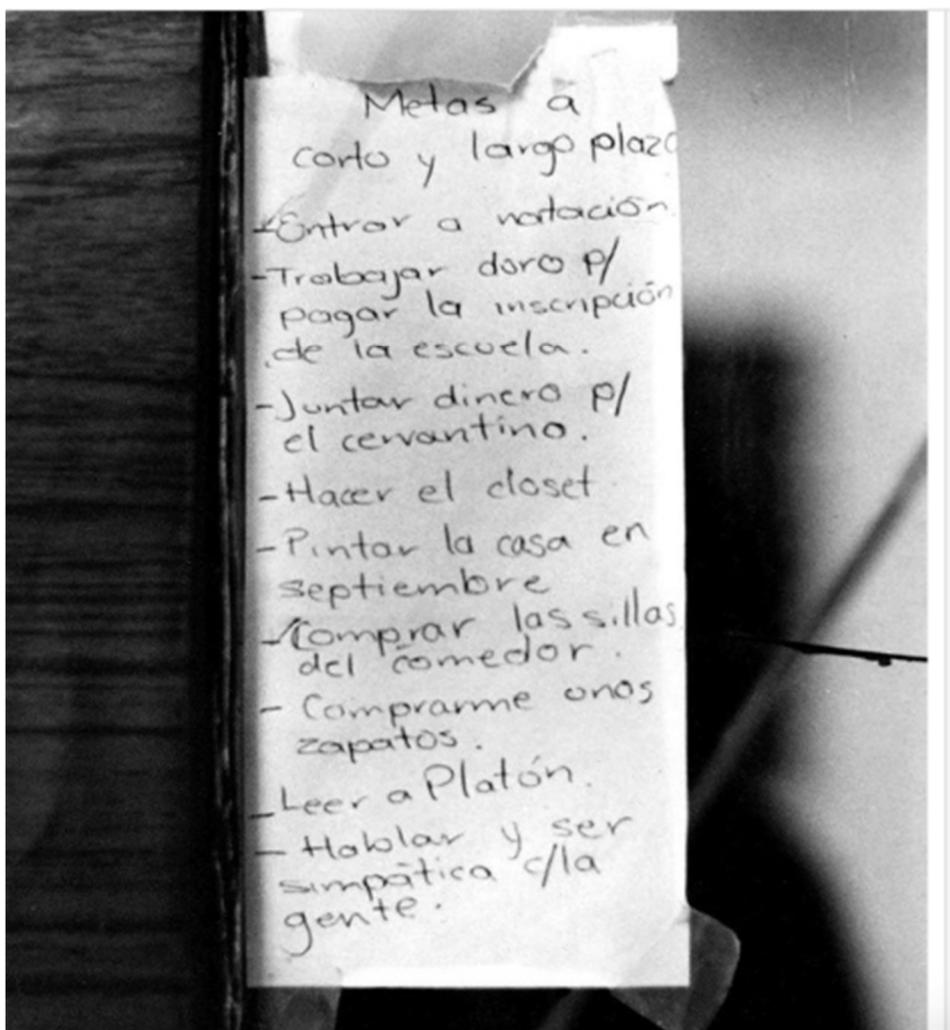
Em outras palavras, o macho não está fazendo nada demais quando ataca, estupra, e mata. Ele é provocado pela mulher a fazer isto. Se ela está vestida assim ou assado, se está caminhando à noite, deve estar pedindo pelo ataque, o estupro, a tortura, a morte. O macho sempre tem razão.

3. Meninas, moças, mulheres

O grande problema com os números e as estatísticas é que eles são frios. É claro que é importante saber quantas milhares de mulheres são estupradas, e a quantificação das mortes em Juárez causa assombro, desgosto, asco, raiva. Existem muitas fotos de meninas e jovens que foram mortas, e outras fotos mostrando seus quartos vazios, e outras mostrando os enterros e as famílias inconsoláveis, abraçadas aos caixões.

Existem fotos do momento da recuperação dos corpos. Todas são imagens excruciantes. Mas nada como ver um documento escrito por uma das meninas assassinadas, para se ter um

entendimento melhor de quem ela era. Com este singelo pedaço de papel, podemos ver quem era, o que queria da vida, o que planejava esta mocinha.



[figura 2]

Primeiro, vemos que era pobre, e podemos inferir que estava trabalhando para ajudar a manter a família. Com seu trabalho, ela quer comprar cadeiras pra sua casa. Quer pagar seus estudos, pintar a casa, aprender a nadar. Mas os planos que mais me comovem são o penúltimo (“Ler Platão”), e o último (“Falar e ser simpática com as pessoas”). Como é humanamente

possível que um ser humano tenha podido torturar, estuprar, e matar uma jovem que estava pensando em melhorar sua posição, contribuir para sua família, estudar, e ainda ser amável com outras pessoas? Que bicho irracional pôde ficar surdo aos gritos, cego à dor que estava causando?

Para as famílias das vítimas, a tortura continua. Qual pai, qual mãe, qual

irmão ou irmã pode dormir em paz pelo resto das suas vidas sabendo que o monstro que escutou os últimos gritos, sorveu o último suspiro, matou a sua filha, irmã, parente, amiga, continua livre, impune, no caso de Juárez. O governo, geralmente cego à dor das famílias e ao horror das pessoas de bem, coloca areia por cima dos casos, das mesmas formas que os criminosos colocaram sobre os corpos das vítimas destroçadas e colocadas em covas rasas (quando não simplesmente desaparecidas, como está se tornando mais comum). A mídia internacional, depois de algum alvoroço, a partir de 2009, se esqueceu completamente da situação em Juárez. As mulheres continuam a ser assassinadas.

Enquanto isto, as maquilas – fábricas – continuam produzindo, vendendo, ganhando. O suprimento de gente pobre, desesperada por um lugar para trabalhar, continua enquanto continua a disparidade de classes sociais dentro do país, enquanto continua a situação de dependência econômica do México. Algumas medidas foram tomadas pelas maquilas – linhas de ônibus e melhor iluminação – mas ainda as mortes continuam.

A solução do problema do feminício no México, assim como do estupro em todo o mundo, só pode ser encontrada

com uma tomada de posição conjunta de todos os governos do mundo, com o apoio de toda a sociedade. Esta posição deve incluir tratamento para as pessoas com distúrbios mentais, a demolição da cultura machista que vê as mulheres como objetos a serem usados e descartados, e punição severa aos estupradores. Voltemos ao parágrafo inicial.

Referências

Rodríguez Álvarez, Olga Lucía. “La ciudad que hace la maquila: El caso de Ciudad Juárez (México).” *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Vol. VI, núm. 119 (53), 1 de agosto de 2002. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-53.htm>.

Consulta feita em 2/7/2016.

Sarria, Nidya. “Femicides of Juárez: Violence Against Women in México.” *Common Dreams*. 9 de agosto 2009. Disponível em <http://www.commondreams.org/views/2009/08/03/femicides-juarez-violence-against-women-mexico>. Consulta feita em 4/7/2016.

Wences Mina, Marison, Rafael Castillo, Luis Chaparro. “México femicida.” *Vice*. 10.21.2014. http://www.vice.com/es_mx/read/mexico-femicida-0000445-v7n9 Consulta feita em 7/7/2016.

“World war II Homefront era: 1940’s: Bracero Program Establishes New Migration Patterns.” *Picture This. California Perspectives on American History*. Disponível em <http://picturethis.museumca.org/timeline/world-war-ii-homefront-era-1940s/braceros/info>.

Consulta feita em 2/7/2016